

SILVA, Carla. Professores e detentos trocam lições de vida: estagiários conquistam o respeito e contribuem para tentar mudar, com o conhecimento, a realidade de quem vive no mundo do crime. **Correio Popular**, Campinas, 06 out. 2002.

CARLA SILVA

Da Agência Anhangüera

carla@rac.com.br

Um misto de desafio e medo. Sentimentos que são superados pela obstinação de levar a Educação para os milhares de detentos espalhados pelos 75 estabelecimentos prisionais do Estado. Essa experiência é vivida pelos 135 estagiários da Fundação Professor Dr. Manoel Pedro Pimentel (Funap), ligada à Secretaria Estadual de Assuntos Penitenciários, quando colocam pela primeira vez os pés em uma sala de aula dentro de um presídio. “No começo, a impressão é de quem entra em um túnel sem fim. Bate aquele medo quando entramos no presídio e escutamos apenas a batida fria dos portões e o barulho das trancas”, conta a estagiária Chalini

Nascimento Sallesse, 20 anos. Estudante de uma faculdade de Pedagogia de Valparaíso, ela leciona para 40 presos de uma penitenciária de segurança máxima, na cidade onde estuda, na região de Araçatuba.

A decisão de dar aula para presos surgiu, segundo Chalini, depois que ela viveu uma experiência como professora da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). “Tinha a consciência, e ainda tenho, de que tudo dentro de um presídio é imprevisível. Mas a vontade de me enriquecer como pessoa e profissional é maior do que tudo isso”, disse a estagiária, que está há cinco meses na nova atividade. “Graças a Deus, nunca passei por um incidente. Pelo contrário, os detentos têm total liberdade na sala de aula para tirar dúvidas. Eles se mostram bastante interessados e participativos”, contou.

Medo inicial ao entrar em presídio é superado no dia-a-dia em sala

Com o objetivo de fazer parte de um projeto social, o estudante de História da Universidade de São Paulo (USP), Bruno Dias Ferreira, 21 anos, seguiu os mesmos passos de Chalini. Há dois anos, ele dá aula para 30 mulheres que cumprem pena no Presídio Feminino do Butantã, na Capital. “Coloquei na cabeça que o maior risco a correr seria deixar essas pessoas sem estudar”, avalia Ferreira. O estagiário conta que as primeiras semanas lecionando para as detentas não foram nada fáceis. “Elas ofereceram resistência. A parte mais difícil foi conquistar a confiança e credibilidade delas. Mostrei que não estava ali para julgar e sim para ajudar”, conta.

A certeza de missão cumprida para o estagiário não demorou a surgir. “Lembro de uma rebelião que estourou no presídio. Na ocasião, estava em sala de aula e consegui manter as minhas alunas longe do tumulto”, afirma. Nesses dois anos de trabalho árduo, Ferreira conta que chegou a conhecer presas “ilustres” no mundo do crime. “Passaram por lá as seqüestradoras do empresário Abílio Diniz; as sócias da Georgina de Freitas, fraudadora do INSS (*Instituto Nacional do Seguro Social*). A mulher (*Luciane Seixas*) do seqüestrador Andinho (*Wanderson Nilton de Paula Lima*) chegou a querer ir para lá, mas não deu certo”, diz.

“No primeiro dia, os professores ficam receosos em entrar em um presídio. Eles estão em uma cadeia e não em um colégio de freira. O comportamento é diferente”, disse José Adão Neves de Jesus, gerente de Educação da Funap. Segundo ele, desde a criação da Funap, há 13 anos, não existe registro de incidentes dentro dos esta-

belecimentos prisionais envolvendo esses profissionais. “Em casos de motim ou rebelião, os presos protegem os professores, pois na visão dos presos eles só vêm para contribuir. Trazer a única coisa de valor que eles poderão levar de dentro do presídio, o ensinamento. Os educadores nunca foram usados como reféns. Os professores não são vistos como uma pessoa que está ali para julgar e, em virtude disso, eles ganham o respeito e a confiança dos detentos”, afirmou Jesus.

De acordo com dados da Funap, atualmente 70% dos presos têm entre 18 e 34 anos. “Isso significa que as prisões estão cheias de jovens. Pessoas que poderiam estar em franca produtividade aqui fora”, opina o gerente de Educação.



Detentos em presídio de Campinas: presos mostram interesse e são participantes nas aulas